

A função docente na Sociedade do Conhecimento

Maria das Graças Vieira, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil
Iracema Campos Cusati, Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil
Fernanda Matos de Moura Almeida, Faculdades Doctum, Brasil

Resumo: Nos últimos anos o mundo passou a conviver com um processo de expressivas mudanças sociais, culturais e econômicas. O novo século iniciou mitificado como a nova era, em que os avanços são tão acelerados que o futuro se torna, de certa forma, desconhecido. O mundo depara-se com uma nova forma de ver o tempo, o poder, o trabalho, a comunicação, a informação, as instituições e, especialmente, a educação e a função docente, foco da reflexão neste trabalho. A abordagem propõe a constatação das exigências de mudança na atualidade, decorrentes do quadro complexo em que se dá a educação escolar hoje para pensar os novos rumos da formação do professor. Em função dessa proposta, são apresentados resultados da investigação desenvolvida considerando as possibilidades de análise abertas por SACRISTÁN. Procurou-se desenlear a função docente da profusão de exigências que lhe são postas na atualidade, numa contribuição ao redirecionamento das propostas prescritivas de mudança e, sobretudo, de formação do professor.

Palavras-chave: educação, conhecimento profissional docente, sentido da mudança, função docente

Abstract: In the last years the world started to live together with a process of expressive social, cultural and economical changes. The new century began mythicized as the new era, where the progresses are so fast that the future becomes, in a certain way, unknown. The world faces a new way of seeing the time, the power, the work, the communication, the information, the institutions and especially, the education and the teaching, the focus of the reflection in this paper. This approach proposes the observation of the complex situation of education in schools nowadays and the need for changes in the formation of the teacher. According to this proposal, are presented here, the results of the investigation developed considering the analytic possibilities opened by SACRISTÁN. This work tries to disentangle the teacher's function from the demands imposed nowadays, in a contribution to the redirection of prescriptive proposals for changes and specially teacher training.

Keywords: Education, Teaching Professional Knowledge, Meanings of Change, Teacher's Function

Introdução

Uma das características marcantes dos tempos atuais é, sem dúvida, a mudança. Esse processo envolve distintos setores sociais, atua com extrema rapidez e implica transformações socioculturais profundas. O mundo perde seus limites e suas fronteiras com as possibilidades inimagináveis propiciadas pelas tecnologias, e benefícios para todas as ciências. O mundo se une, os horizontes regionais e as distâncias desaparecem, a filosofia do conhecimento é reformulada, as funções cognitivas são transformadas por meios técnicos e objetivos (Imbernón, 2000). Surge a parceria cognitiva com a máquina e os processos criativos de aprender, com um vasto conjunto de interfaces comunicativas e interativas. Por ser comum, a inteligência é coletiva. Toda memória é compartilhada. O suporte da informática permite a representação simultânea de milhares de elementos (Imbernón, 2000).

O ser humano tem possibilidade de se tornar onipresente: apresenta-se ao mesmo tempo em várias partes do mundo, dialoga, reflete dialeticamente e se enriquece através da participação interativa de pessoas com interesses e conhecimentos afins. Os preconceitos infundados e as ideias deturpadas dissipam-se num espaço, em que existe interação entre seres humanos de todos os lugares, todos os credos, todas as raças e todas as idades. O mundo vivencia um proce-



so de unificação da humanidade. Tudo vai se tornando mais visível, transparente, e todos querem se fazer conhecer.

O mercado profissional admite ter espaço para especializações puristas e determina que “é necessário que tudo se saiba”. Não se pode mais restringir comparações aos concorrentes mais próximos, pois os parâmetros são globais, e a globalização é um fenômeno irreversível e presente em todas as áreas.

O homem começa a tomar consciência da seriedade de compreender melhor os reflexos desse processo. Começa também tomar consciência da formação de ondas e da importância de saber aproveitá-las no momento certo, porque quem estiver pronto para as transformações sociais avançará; quem não estiver, afundará num mar de incertezas. As mudanças acontecem, fluem, desencadeiam, inserem-se no cotidiano do homem, mudam comportamentos, modificam as culturas (Imbernón, 2000).

As mudanças, cada vez mais velozes, fazem-se presentes no desenvolvimento científico e tecnológico, marcam esse início de século e comandam as transformações dos processos sociais, econômicos e políticos em vigor. E a mudança só não se viabiliza quando as premissas básicas de uma cultura permanecem válidas ou internalizadas, mesmo que as propostas sejam de qualidade técnica indiscutível. Nesse caso, os atores envolvidos no processo reagirão às propostas para impedir uma quebra da sua identidade e a negação dos valores que lhes garantem segurança e coesão.

O processo de mudanças vivenciado no mundo é também uma mudança comportamental, baseada em razões intrínsecas, em valores novos e crenças novas. O homem se modifica para assegurar sua sobrevivência e sua adaptação a uma nova sociedade e integração de seus processos internos, que também se modificam.

Observa-se o surgimento de uma nova sociedade. E a compreensão do conceito dessa nova sociedade passa pela compreensão do conhecimento, da sociedade do conhecimento, que passa necessariamente pela análise dos processos de transformação que vêm ocorrendo na economia. Existem mega tendências que definem o momento atual, como o deslocamento do paradigma de sociedade industrial para sociedade da informação; de economia nacional para economia mundial; de centralização para descentralização (Teixeira, 1999).

Percebe-se claramente o surgimento de uma tendência social em que a informação é a matéria-prima mais valiosa. Quem detém a informação hoje, de certa forma detém o poder. A informação é fator-chave de competitividade. Tem-se uma sociedade que prioriza o domínio de certas habilidades, que acrescenta ou exclui a pessoa a partir do domínio que ele tem das habilidades que ela demanda. Ficam excluídas as pessoas que não têm competência para criar, selecionar, processar e tratar a informação ou os conhecimentos que a rede global valoriza (Borges, 1995).

Detalhando aspectos da importância do conhecimento hoje, Borges (1995, p.2) afirma:

Na sociedade do conhecimento, o real valor dos produtos está no conhecimento neles embutido, em que a economia adota uma estrutura mais diversa, alterando-se contínua e rapidamente. Nos países mais avançados, o acúmulo de informações e a sua reunião para estruturar esquemas de conhecimentos cada vez maiores e mais sofisticados permitiram mudanças no setor econômico. Hoje, o poder econômico internacional de um país está diretamente relacionado ao fator conhecimento.

As mudanças refletem-se também no mercado de trabalho.

A economia da informação produzirá um número extraordinário de empregos desafiadores, que exigem um alto grau de competência, com capacidade de pensar criticamente, de planejar estrategicamente e de se adaptar às mudanças. Trabalhadores serão forçados a enfrentar com mais frequência mudanças em suas tarefas. (Borges, 1995: p. 3)

Atualmente, constitui um fator de sobrevivência, principalmente no mercado de trabalho, o desenvolvimento de habilidades demandadas pela sociedade, a busca constante de aprimora-

mento e inteiração sobre as mudanças que acontecem a cada instante. Os conhecimentos se tornam obsoletos com a mesma rapidez com que aproximam em poucos minutos em todas as partes do mundo.

A sociedade está sendo constantemente repensada. Nada é certo e absoluto. O que é considerado correto, normal em um contexto social, pode ser colocado “entre aspas” em outros contextos. Para se sobreviver nessa pluralidade de formas de vida e de maneiras de fazer, deve-se filtrar as informações continuamente, e acompanhar as múltiplas e constantes mudanças (Flexa, Tortajada, 2000).

Enfim, o mundo vivencia um processo de mudanças e transformações comuns a todos os setores sociais, tão acelerado que torna esse processo imensurável e deixa o futuro imprevisível diante das possibilidades abertas pelas novas tecnologias.

Mudanças no âmbito educacional

Dos setores sociais, o da educação é o que apresenta características mais conservadoras, de modo geral sem mudanças expressivas. Há casos isolados de iniciativas de mudanças bem-sucedidas e experiências inéditas, que merecem destaque nos distintos segmentos da educação, mas nada generalizado.

O ritmo das mudanças sociais determina que a educação seja pensada e repensada. Além de repensar seus aspectos gerais para que atenda às demandas sociais, é fundamental buscar meios de acompanhar o ritmo das mudanças que se processam na sociedade como um todo.

No decurso da história educacional, especificamente após o surgimento da Escola Nova (1930), alguns teóricos, preocupados com o indivíduo, com os aspectos que se referem à sua formação e com as formas de romper com a concepção tradicional de ensino, procuravam discutir e refletir sobre qual seria a concepção de educação ideal para o indivíduo (Monken, 1998).

Nesse percurso de reflexões, os teóricos sociointeracionistas (Dewey, Vygotsky e Freinet) já se preocupavam com o papel ativo do professor frente ao processo de construção do conhecimento do aluno. Esses autores defendiam a idéia de que a “educação é um processo de vida não uma preparação para a vida futura, e a escola deve representar a vida presente - tão real e vital para o aluno como a que ele vive em casa, no bairro ou no pátio” (Monken, 1998: p.38). Afirmavam ainda que, se a atividade humana se encurtasse a repetir o passado, os homens seriam seres voltados para o ontem e, logicamente, incapazes de se adaptar às diversidades do amanhã.

Entretanto, ao tentar romper com a concepção tradicional do ensino, acabaram por desvalorizar os conteúdos disciplinares, entendendo a escola apenas como espaço de conhecimentos existentes e atendendo uma demanda na realidade, de seus interesses imediatos.

No entanto, a partir da Lei 5692/71, a educação procurou outro percurso, priorizando, assim, a técnica. Acreditavam que os métodos e as técnicas de ensino seriam capazes de resolver os problemas educacionais. Teóricos preocupados com essa concepção, não enfatizavam a formação integral do aluno e, sim, acreditavam que, se o professor estivesse “ministrando suas aulas” com técnicas avançadas, a aprendizagem seria eficaz.

A partir daí, novos olhares foram surgindo, e já se discutia, numa visão mais progressista, a abordagem “crítica dos conteúdos” retomando, assim, a construção do conhecimento, a formação do professor e do aluno numa visão mais interativa, crítica e globalizante.

Hoje, procura-se, através das tendências educacionais que privilegiam o desenvolvimento de múltiplas habilidades, o domínio de tecnologias de comunicação e informação, o respeito às diferentes formas de vida do mundo globalizado, dentre outros aspectos, uma educação capaz de formar o indivíduo na sua totalidade, ou seja, formar um cidadão autônomo, crítico, consciente, reflexivo, participativo, transformador (Imbernón, 2000).

Embora a educação esteja hoje numa etapa de reexame, requalificação, de fixação de novas fronteiras, elaboração de novos procedimentos, busca de equilíbrio e de uma nova identidade,

ainda não consegue acompanhar o ritmo das mudanças sociais. Percebe-se que as mudanças globais modificam a função docente, levantam dúvidas sobre o destino do seu papel com relação ao estudante e induzem a investigações sobre o uso de recursos tecnológicos, para facilitar o processo de ensino aprendizagem, entre outras questões. No entanto, cada educador se encontra arraigado à concepção de educação na qual acreditava no momento de sua formação.

O discurso é progressista, atualizado, crítico e reflexivo; a prática, no entanto, ainda está inserida na concepção tradicional e tecnicista de ensino. Em alguns casos, o trabalho apresenta-se solto; sem o balizamento de nenhuma concepção. A partir desse pressuposto, a concepção que o aluno tem do ensino também é fragmentada, acrítica e alienada. Surge, assim, a necessidade urgente de voltar o olhar para a prática pedagógica, a fim de redimensioná-la e fazer com que o professor reavalie, reveja e reconstrua sua prática para atender as exigências da sociedade atual.

Segundo Leite (1996, p.26):

(...) é necessária a ressignificação do espaço escolar - com seus tempos, rituais, rotinas e processos, de modo que ela possa, efetivamente, estar voltada para a formação de sujeitos ativos, reflexivos, cidadãos atuantes e participativos, como desejam os profissionais de educação.

Nessa perspectiva, especialistas têm buscado discutir as situações convergentes em que se encontra a educação e as pesquisas recentes são divulgadas em diversas mídias. Essas situações emergentes são, na grande maioria, vinculadas à formação do professor, ao aluno, ao processo de ensino-aprendizagem, bem como à ampliação de um espaço para que se construa um projeto político-pedagógico que atenda as demandas do mundo moderno.

Nessas demandas incluímos o professor de nível superior, cuja formação é, muitas vezes, precária, em termos de competências e habilidades específicas à docência. Não há como aguardar um repensar moroso, uma revisão adiada da educação, para que ela se alinhe à realidade social. A sociedade da informação exige pessoas capacitadas não só em leitura, escrita e matemática, mas também em computação e sistemas políticos, sociais e históricos - com uma visão mais ampla e abrangente do mundo.

O desafio revolucionário que a era da informação impõe às instituições de ensino é grande, porque, além de acompanhar o ritmo das mudanças, é necessário manter sintonia entre estas e o mundo que as cerca, com vistas a acompanhar o ritmo dessas mudanças, e evitar exclusões sociais. Além de tudo, a sociedade informacional requer uma educação intercultural quanto aos conhecimentos e aos valores, assim como a vontade de corrigir a desigualdade de situações e oportunidades.

Diversificadas e polêmicas são as posições de autores acerca das interferências e intervenções das mudanças sociais no âmbito educacional, especialmente sobre a contribuição das tecnologias de ponta (Assmann, 2006).

O olhar de alguns autores sobre as mudanças no âmbito educacional

As tendências educacionais apresentam destaque para as políticas da sociedade da informação. Essas tendências privilegiam a democratização ampla no âmbito educacional, o acesso de todas as camadas sociais às informações disponíveis, a capacitação tecnológica para que todas as pessoas tenham indiscriminadamente as mesmas oportunidades. Como já foi citado no início deste trabalho, essas tendências valorizam uma educação sem limites, sem barreiras, sem preconceitos, sem a valorização de grupos dominantes ou menos privilegiados (Flecha, Tortajada, 2000).

De acordo com Flecha, Tortajada, (2000, p.27):

Devemos superar a educação que socializa nos valores hegemônicos e nos conhecimentos apropriados do ponto de vista da cultura dominante. Insistir nessa concepção é caminhar para o fra-

caso e para a imposição de modelos obsoletos que só são úteis para os grupos privilegiados e que condenarão os demais à exclusão.

Outro aspecto, que tem sido foco de atenção e ponto de reflexões por parte de autores em relação às tendências educacionais, é a questão da seriação escolar. Implantada no Brasil há mais de um século, corresponde a uma concepção de educação escolar limitada a transmitir conhecimentos organizados e desenvolver habilidades previamente determinadas pelo corpo social.

Diante do contexto atual, há necessidade de repensar a organização da escola privilegiando a interdisciplinaridade, o que conduzirá a uma revisão na forma de preparação dos próprios educadores e na organização da escola em todos os níveis.

Da escola espera-se mais que o repasse de informações ou preparação para o trabalho. Os meios mais modernos de informação disponíveis retiraram da escola a hegemonia na transmissão de informações. É inviável a concorrência do educador ou da escola com a televisão globalizada, o rádio, a imprensa moderna, a informática, os CDs etc., na rapidez e quantidade de informações que são capazes de fazer circular (Rodrigues, 1999).

A estrutura escolar vigente, construída nos moldes da sociedade industrial, não atende mais as necessidades dos indivíduos nem a essa sociedade em mudanças constantes (Sarmento, Ferreira, 1999).

Todo esse movimento de mudanças na educação é reflexo das modificações na sociedade brasileira urbanizada, globalizada. Existe a consciência, já formada, de que o sistema seriado, com conteúdos rigidamente estabelecidos e processo de avaliação classificatório e seletivo, não facilita o atendimento das necessidades do educando, não respeita seu ritmo nem sua experiência.

Já existe uma consciência da necessidade de rever a concepção de educação, de organização da escola, de ressignificação do processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, da prática pedagógica. Não é fácil a tarefa de mudar a prática pedagógica, já que exige uma mudança profunda de postura, com relação ao processo de conhecimento. Nesse sentido, busque-se a construção do conhecimento significativo, elaborado a partir das dúvidas, dos questionamentos, das necessidades, dos interesses, dos conhecimentos, em que o docente é mediador do processo. Essa postura requer que se repense o homem, a sociedade e o papel da escola nesse contexto.

No estudo sobre as experiências realizadas no País e as concepções de aprendizagem que as fundamentam, os profissionais responsáveis por essas experiências adotaram o caminho que orienta a busca da compreensão do processo de construção do conhecimento, com o objetivo de adquirir segurança para mudar de postura frente ao aluno. Os professores deixam de ser simples transmissores de conteúdo e aprendem a mediação do processo de aprendizagem. Perante essa mudança, é importante a formação continuada do professor para capacitá-lo a enfrentar as dificuldades encontradas no processo de adoção de uma nova forma de trabalho (Sarmento, Ferreira, 1999).

Observa-se uma ênfase na valorização de uma escola voltada para a formatação curricular que possibilite oportunidades variadas em função das mudanças sociais, que demandam uma visão abrangente do mundo. Mais uma vez, é pontuada a necessidade de mudança da postura do professor frente ao aluno.

Outro aspecto discutido relaciona-se com a tarefa de formação do indivíduo e do cidadão, hoje a cargo da escola, quase exclusivamente, com a desintegração das unidades educativas. As famílias estão perdendo a hegemonia educacional, à medida que esfacelam suas relações tradicionais com a criança. Os pais se afastam cada vez mais cedo da vida dos filhos. A igreja também deixou de representar, como antes, uma instituição capaz de dar direção moral às novas gerações. As comunidades não representam mais uma forma de organização da vida coletiva. As pessoas vivem próximas, apenas fisicamente, não em comunidade ética, de trabalho e de participação de relações (Rodrigues, 1999).

Diante desse contexto, a ação educativa - com seu alto grau de complexidade e de diversidade, apesar da responsabilidade ser da sociedade, e não de uma instituição ou de um indivíduo - , tem sido direcionada para a escola. Nenhum professor, isoladamente e por melhor que seja, será capaz de assegurar ao outro a totalidade de suas necessidades formativas. A ação educativa é um dever da sociedade, não de uma instituição isolada (Rodrigues, 1999).

A escola deve aceitar o desafio da tarefa formativa do homem e do cidadão, que a sociedade espera dela no presente e no futuro? Essa é uma questão realmente polêmica. Rodrigues (1999) considera a escola uma instituição capaz de assumir a formação do ser humano, porque ela mantém ainda uma certa universalidade e se conserva como a única instituição para a qual se dirigem e são dirigidas todas as novas gerações desde a infância. Terá a escola condições de responder a esse desafio?

A questão da mudança se reveste de peculiaridades especiais quando se trata da escola, dada a natureza da instituição e a força de sua história. O conservadorismo, característica da prática escolar ao longo da sua história, tem sido posto em xeque diante das novas exigências sociais. Urge encontrar novas alternativas satisfatórias ao processo de ensino, diante do contexto que exige a formação integral do ser humano e sua preparação como cidadão consciente dos seus direitos e deveres, capaz de agir criativamente na sociedade, procurando novas formas de conhecimento para solucionar os problemas que se apresentam (Teixeira, 1999).

Pensar no futuro da educação é mais uma reflexão dialética. Não é possível referir-se ao futuro, sem se considerar o passado e o presente como linha-mestra. De acordo com essa perspectiva, não tem sentido auscultar o futuro da educação e anunciar seus desafios, já que a rigor não se pode falar de educação para o futuro, porque este não tem realidade, portanto carece de conteúdos e de orientação em que se apoiar (Sacristán, 2000).

Não é satisfatório o presente da educação com as mudanças que nele já estão sendo apontadas. Meditar sobre o passado só pode oferecer perspectivas, impulsos e algumas inquietações mobilizadoras. Percebe-se um cansaço, uma falta de fé nos sistemas educativos formais, em crescentes irrelevâncias nas preocupações políticas nacionais e internacionais, ou na nula presença que seus problemas têm nos meios de formação de opinião pública (Sacristán, 2000).

O projeto moderno de educação parte da valorização, da acumulação do saber, que dá imagem do mundo, mesmo sem pensar esse saber e essa imagem como definitivos, porém como elaborações que são construídas em liberdade e, graças a isso, mais representativas de uma cultura universal e mais justa (Sacristán, 2000).

A escola deve somar-se à vida, à sociedade que a rodeia. A educação moderna é um processo reflexivo, enquanto for conscientemente orientado, com flexibilidade especializada e de alto nível, sem uma minoria a dirigi-la. A participação democrática em educação tem significados mais intensos. O desafio do futuro será obter um lugar criado na vida de todos os sujeitos pela educação institucionalizada seja completado com fins e sentido próprio (Sacristán, 2000). A sociedade que irá trabalhar menos precisará da educação para utilizar o tempo livre como meio de melhorar sua qualidade de vida (Gorz, Rifkin apud Sacristán, 2000).

Essas colocações levam à reflexão sobre a realidade da educação de hoje, educação que se apresenta desacreditada, carente de conteúdos e orientações em que se apoiar. Se o futuro da educação for previsto, a partir das referências do passado e do presente, realmente não há como vislumbrar o futuro educacional de forma otimista. Eis uma tortura impertinente para a consciência de educadores que vivenciam esse momento decisório em meio ao processo de mudanças.

O Ensino Superior e as mudanças

Dentre as questões refletidas no contexto atual do Ensino Superior, destacam-se tanto a questão das exigências impostas pelo mercado de trabalho quanto a natural evolução da sociedade, que se refletiram diretamente na proliferação da oferta de cursos de nível superior, uma das maiores

preocupações do momento (Modernell, 1999). As transformações, pelas quais passa a educação superior no Brasil, são similares às crises que confronta a maioria dos países da periferia do mundo globalizado. Decorrem, antes de tudo, das mudanças na produção, da decantada crise do Estado, e principalmente de soluções persuasivas para a crise do Estado.

A própria LDB, aprovada e em vigor é claramente privatista. Valoriza a contribuição social das duas redes, reforça em seu artigo 20 a figura das instituições privadas de caráter estritamente empresarial e lucrativo, e dessa maneira, coerentemente com essa orientação, ao regulamentar e levantar exigências, o faz de forma diferenciada para as redes pública e privada. A política pautada na lei é de desregulamentar ao máximo a educação em geral e a rede privada em particular, liberando-a para funcionar com o mínimo de exigências e seguindo apenas as chamadas leis do mercado (Squissardi, 2001).

Sobre as consequências da proliferação das faculdades e da identidade da universidade hoje, Squissardi (2001, p.1) comenta:

Já se foi o tempo em que se podia identificar a educação superior com a instituição, de profundo significado histórico, chamada universidade. Hoje, a educação superior tende a ser vista muito mais como qualquer tipo de ensino pós-médio do que como produção, conservação e distribuição do saber universitário(...). Em outras palavras, em tempos de modernização conservadora, a universidade está perdendo sua face, sua alma e sua identidade históricas.

Assim, o crescimento da oferta de cursos de Ensino Superior permitiu um desnivelamento com acentuadas diferenças entre as instituições e os cursos. Além do mais, o acirramento da concorrência e a demanda crescente por profissionais para atuar na docência impõem a contratação de pessoas que não atendam à plenitude das exigências que deveriam ser rigorosamente observadas. É difícil conciliar num único profissional características e habilidades distintas como o pleno domínio da área de conhecimento abrangida, com acompanhamento de perto da sua evolução, combinado com habilidades e conhecimentos didáticos. É incoerente, dependendo da disciplina, manter em sala de aula um professor que não esteja atuando paralelamente no mercado, na mesma área em que atua no ensino. É muito difícil para esse profissional desenvolver-se adequadamente na área docente se não tiver tempo para buscar aprimoramento (Modernell, 1999).

Em decorrência das mudanças no mercado e do aumento das Instituições de Ensino Superior, que assumem, cada vez mais, o papel de fornecedores do material humano que deve dar rumo e suporte ao rumo da humanidade. Essa responsabilidade gera uma cobrança dos meios empresariais, que esperam encontrar profissionais prontos nos recém-saídos dos bancos das escolas, contudo encontram estudantes que não têm a noção de como funciona o mundo real. Devido a essa responsabilidade, é necessário conciliar o ambiente estudantil universitário com o empresarial/ mercadológico. Esse ponto é considerado o mais significativo da reflexão que precisa ser feita por todos os que vivem em qualquer um dos lados dessa fronteira (Modernell, 1999).

Em relação às mudanças, a globalização é um fenômeno presente em todas as áreas, por isso é preciso tentar compreender melhor os seus reflexos no cotidiano de cada profissão. O profissional que anseia permanecer no mercado necessita ter consciência de que é essencial conhecer o seu mercado, que é global, e atualizar-se continuamente. Com isso, estará diminuindo os riscos do desemprego, ou o que é pior e mais grave que o desemprego - a ausência de perspectiva de novos empregos -, por desatualização, fenômeno comum no mercado atual. As ameaças e as oportunidades, fruto da miscigenação de culturas e tecnologias, germinam e se modificam a cada instante, em cada canto do mundo.

A evolução acentuada das tecnologias e a aceleração da mobilidade de capitais têm sido muito mais ágeis do que a evolução e a mobilidade da mão-de-obra. Os profissionais qualificados e atualizados estão em condições cada vez mais favoráveis, com muitas opções de trabalho e com vantagens cada vez mais crescentes. Nos tempos atuais, sobreviver no mercado de tra-

balho é perceber e atender às demandas das mudanças que estão acontecendo e daquelas que irão acontecer (Modernell, 1999).

Enfim, as mudanças do contexto social, as exigências cada vez maiores impostas pelo mercado de trabalho, o crescimento da demanda e a transferência de responsabilidade do Estado, trouxeram nos últimos anos uma característica nova para a educação: a proliferação de escolas de Ensino Superior. As consequências e desafios constituem preocupações evidentes para os autores citados.

O aluno que chega hoje às escolas

Como a imagem é hoje uma forma superior de comunicação, o homem está inserido num mundo que lhe propicia contato com o visual durante todo o tempo, das mais variadas formas, cores e luminosidade. O homem convive desde cedo com a televisão, o rádio, a música, brinquedos sonoros, jogos eletrônicos, computadores etc., através dos quais percebe o mundo, relaciona-se com o mundo, de forma mais visual, criativa, sensitiva, emocional, integradora, sintetizadora. Essa realidade compõe um forte aspecto cultural. E é nesse processo que a visão de mundo é imposta ao indivíduo pelos meios de comunicação, que têm um poder de penetração inquestionável. E é esse indivíduo, contextualizado na realidade de estímulos multifacetados, sonoros e coloridos, que chega às salas de aula de nossas escolas para absorver, perceber, receber, aprender, de forma árida, o que lhe é imposto. E o que aprende nem sempre tem sentido para o contexto no qual está inserido (Ferrès, 1996).

Não há como a escola continuar persistir nos mesmos caminhos, com passos muito lentos, desconhecendo as características do aluno que recebe.

Torna-se premente a necessidade do repensar de mudanças, da retomada de distintos e diferenciados caminhos que atendam as diversidades e peculiaridades educacionais, sobretudo que atendam as necessidades do novo homem que atualmente existe. Esse novo homem apresenta o hemisfério direito do seu cérebro mais aguçado devido aos meios de comunicação de massa da era eletrônica, é um homem mais sensível ao reconhecimento, à distinção através de imagens, de sons, de comandos das funções espaciais não verbais. Um homem que se comunica e absorve códigos de comunicação de maneira diferente, não apenas através de decodificação de símbolos gráficos, em processos maçantes de descoberta, construção e ou condução da aprendizagem, bastante diferentes das características do mundo atual (Ferrès, 1996).

Esse novo indivíduo que chega à escola vem com o impacto das novas tecnologias nas formas de pensamento e expressão, nos processos e atitudes mentais, nas pautas de percepção e na proporção dos sentidos. A profusão atual de imagens e sons que cerca o homem está impulsionando o surgimento, ou quem sabe, a evidência de novos tipos de inteligências. Com isso, o indivíduo está mudando suas formas de compreender. Chega às escolas um aluno que busca processos criativos de aprender, que compreende e conhece, por meio de sensações, não apenas diante de argumentações da razão.

Todos os processos de mudanças sociais modificam, também, o homem e sua forma de conhecer, perceber e se comunicar. Alteram também a sua predisposição para continuar convivendo forçosamente com situações que não compatibilizam com o seu mundo real. E é nessa encruzilhada que a escola se encontra: desatualizada, autoritária, racionalista, hierarquizada, enraizada e reticente às mudanças sociais. Em que a escola precisa mudar para atender melhor o aluno que recebe? Quais são as metodologias e os recursos didáticos que mais favorecem a motivação e a aprendizagem desses alunos? Eis algumas das questões que precisam ser aprofundadas.

O professor e as mudanças

O professor também é parte da crise educacional provocada pelas mudanças. E a responsabilidade dessa crise é de todos que compõem o quadro educacional, dos que atuam de forma direta ou indireta na educação. Contudo, ao professor é atribuída a responsabilidade maior, devido à importância do seu papel no contexto educacional.

Quando se fala em mudança em educação, logo vêm mil desculpas e resistências por parte do quadro docente. São alegados problemas de falta de tempo, de trabalho desgastante, salários baixos, falta de preparo para assumir novas propostas, dentre outras justificativas. Há uma cultura do “professor vítima”. Outra força contrária às mudanças é a turma do “deixa disso”, que alega: “não tem jeito”, “sempre foi assim”, “é difícil”, “não adianta tentar”, “nós até que gostaríamos, mas os pais não aceitam”, etc.

Para superar a crise educacional decorrente de tantas mudanças, o professor terá que rever suas ações e ter uma percepção mais global do mundo, porque a chave do novo está, sobretudo, na sua postura.

Hoje, o professor conta com a parceria ativa das tecnologias da informação e da comunicação no processo de aprendizagem dos alunos, bem como no desenvolvimento do potencial cognitivo dos aprendizes. Além de versáteis, elas facilitam aprendizagens complexas e cooperativas; exercem uma função mediadora e quase onipresente na construção do conhecimento.

Frente às intervenções dessas tecnologias, não há como deixar de rever a postura do professor diante da aprendizagem do aluno. Cada vez mais o docente caminha no sentido de uma função de mediador demandando visão abrangente e crítica e que tem contribuído para o desenvolvimento do aprendiz, para a solução de suas dúvidas e para o enriquecimento da sua aprendizagem (Assmann, 2006).

Apesar da indiscutível força da interferência transformadora da tecnologia no trabalho do professor, o cotidiano das escolas, muitas vezes retrata uma realidade que precisa ser refletida. Desse modo, a inserção das tecnologias no trabalho docente não pode acontecer sem a consciência clara, por parte do professor, de sua concepção educacional. A escolha de recursos tecnológicos, a postura do docente, bem como suas intervenções durante o processo de ensino-aprendizagem, são relativizadas por essa concepção.

No trabalho com as tecnologias, o professor tem um papel fundamental desde a escolha do instrumento até o final de todo o processo do trabalho. A preparação desse professor é fundamental para que a educação dê um salto de qualidade. Para assumir o papel de facilitador da construção do conhecimento, o professor necessita dominar conhecimentos tanto no aspecto computacional quanto no aspecto da integração do computador nas atividades curriculares. (Valente, 1999).

Há uma consciência formada da necessidade de se rever a postura do docente frente aos novos desafios que as mudanças propõem para a educação, a partir da evolução tecnológica.

Função docente: natureza e sentidos da mudança

As dificuldades de especificação da ação de ensinar resultam de vários fatores entre os quais a própria complexidade da função docente, a inevitável mescla de elementos pessoais e profissionais no desempenho docente e aos múltiplos significados que o ensinar assumiu em contextos escolares e não escolares.

O conceito de ensinar é perpassado por uma tensão entre “o transmitir um saber” e “o fazer outros se apropriarem de um saber” – ou melhor, “fazer alguém aprender alguma coisa”. (Rolão, 2005)

Nessa tensão entre uma postura mais tradicional do professor transmissivo, referenciado predominantemente pelos saberes disciplinares e a postura mais pedagógica e alargada a um campo vasto de saberes, incluindo os disciplinares, localiza-se a função e a ação docentes.

O saber profissional docente emerge dos vários saberes formais e do saber experiencial, que uns e outro se aprofundam e questionam. É um processo mobilizador e transformativo em cada ato pedagógico, contextual, prático e singular. (Roldão, 2005)

Essa revisão se fundamenta não só pela importância e especificidade do trabalho educacional, mas também pela busca de maior valorização do docente como sujeito da história.

Conclusão

Diante das mudanças que vêm sendo processadas na sociedade, bem como da globalização, dos avanços da tecnologia de informação e da comunicação, e, ainda, diante dos padrões de excelência exigidos hoje, a escola precisa repensar o seu papel como espaço de transformação social.

As instituições de Ensino Superior inseridas nesse contexto social de mudanças contínuas devem atender as necessidades sociais do momento e o novo perfil de aluno, para formar o cidadão crítico e transformador, necessário à sociedade atual, o que demanda professores aptos para isso.

Pretende-se que o professor não seja apenas um indivíduo capacitado nas dimensões científicas, políticas, técnicas, humanas e éticas. Que tenha formação docente que lhe dê subsídios para formar o cidadão e o profissional capaz de transformar o seu contexto social para melhor e de solucionar problemas inerentes a um cotidiano em constantes mudanças.

Portanto, tanto professor quanto alunos estão impregnados de uma educação positivista e reducionista que torna o processo de ensino improdutivo e alienado em que o que se privilegia, na maioria das práticas, é o acúmulo de conhecimentos e avaliações desvinculadas de uma realidade emergente.

REFERÊNCIAS

- Assmann, Hugo. (2006). *A metamorfose do aprender na sociedade da informação*. Retirado em 02 junho de 2011, de <http://www.scielo.com.br>.
- Borges, Mônica Erichsen Nassif. (1995). “A informação como recurso gerencial das organizações na sociedade do conhecimento”. *Ciência da informação*. Belo Horizonte 24(2).
- Ferrès, Joan (1996). *Vídeo e educação*, 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Flecha, Ramón; Tortajada, Iolanda. (2000). “Desafios e saídas educativas na entrada do século”. In: *A educação no século XXI*, Imbernón, Francisco (Org.), Cap. 1, p. 21-36. São Paulo: Artes Médicas.
- Imbernón, Francisco. (2000). “Amplitude e profundidade do olhar: a educação ontem, hoje e amanhã”. Em: *A educação no século XXI*, Cap. 1, p. 77-94. São Paulo: Artes Médicas.
- Leite, Lígia Silva. (1996). *A educação a distância capacitando professores: em busca de novos espaços para a aprendizagem*. Retirado em 22 de junho de 2011, de <http://www.intelecto.net/ead-textos/ligiacris.htm>.
- Modernell, Álvaro Borba. (1999). “Novos Paradigmas Profissionais no Ensino Superior”. *Revista Acadêmica*. Brasília, UNEB, p.75-84, jul./dez.
- Monken, Eliane Maria Freitas. (1998). *Limites e possibilidades de inserção da pedagogia de projetos no Ensino Superior*. Brasília, 35 p. Monografia (Especialização em Avaliação Educacional). Programa de Pós-Graduação em Avaliação Educacional, através do ensino a distância, UnB.
- Rodrigues, Rosângela. (1999). *Modelo de avaliação para cursos no ensino a distância*. Retirado em 15 junho de 2011, de <http://www.eps.ufc.br/dises/99/roser/eapl-5.html>. Roldão, Maria do Céu. (2005). “Profissionalidade docente em análise – especificidade dos ensinos superior e não superior”. *Revista NUANCES*, Universidade do Estado de São Paulo, ano XI, n. 13, p. 108-126, jan./dez.
- Sacristán, José Gimeno. (2000). “A educação que temos, a educação que queremos”. Em: *A educação no século XXI*, Imbernón, Francisco (Org.), Cap. 1, p. 37-61. São Paulo: Artes Médicas.
- Sarmiento, Diva Chaves; FERREIRA, Eleutéria Maria Machado. (1999). “Construindo o caminho novo”. Em: *Escola Sagarana: Educação para a vida com dignidade e esperança*, Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (Org.), Cap. 3, p. 39-47. Belo Horizonte: SEEMG.
- Squissardi, Valdemar. (2001). *Rumo à universidade competitiva*. Em: 3º Encontro dos Professores do Ensino Superior da Rede Privada. Belo Horizonte: 02 e 03 nov.
- Teixeira, Inês Castro. (1996). Os professores como sujeitos socioculturais. Em: *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*, Dayrel, Juarez (Org.), p. 179-195. Belo Horizonte: UFMG.
- Valente, José Armando (Org.). (1999). *O computador na sociedade do conhecimento*. São Paulo: NIED.
- Vasconcellos, Celso dos Santos. (1998). *Processo de mudança da prática educacional*. São Paulo: Libertad.

SOBRE OS AUTORES

Maria das Graças Vieira: Doutora em Educação (UFPB-2007), Mestre em Administração (UFPB-2003) e Bacharel em Ciências Contábeis (UFPB-2000). Atualmente é Professora Adjunta II da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É professora colaboradora vinculada ao Mestrado Profissional em Gestão das Organizações Aprendentes da Universidade Federal da

Paraíba (UFPB). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (2009/2012). Prestou Consultoria para a UNESCO/MEC, na área de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tem experiência na área de Educação a Distância, Administração e Contabilidade, atuando principalmente nos seguintes temas: ética, contabilidade, empreendedorismo, gestão, pedagogia e educação a distância.

Iracema Campos Cusati: Doutoranda em Educação pela USP, bacharel em Matemática e professora da Universidade do Estado de Minas Gerais – DMTE/FaE/UEMG e do Centro Universitário UNA.

Fernanda Matos de Moura Almeida: É professora das Faculdades Doctum para os cursos de graduação e pós-graduação, Coordena o Curso de Ciências Contábeis na Doctum Iúna, é sócia de escritório de contabilidade - LEEF CONT Assessoria e Consultoria Contábil em Irupi, e atualmente é Coordenadora do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Ciência e Educação do Caparaó - FACEC e Professora nos cursos de Administração e Ciências Contábeis. Coordenadora do Núcleo de Área Gerencial da Rede Doctum - fevereiro de 2012.